

Aulão simulado ENEM – Linguagens e Humanas

Prof.^a Daniela Florão e Prof.^o Lucas Samuel – 20.07.2023

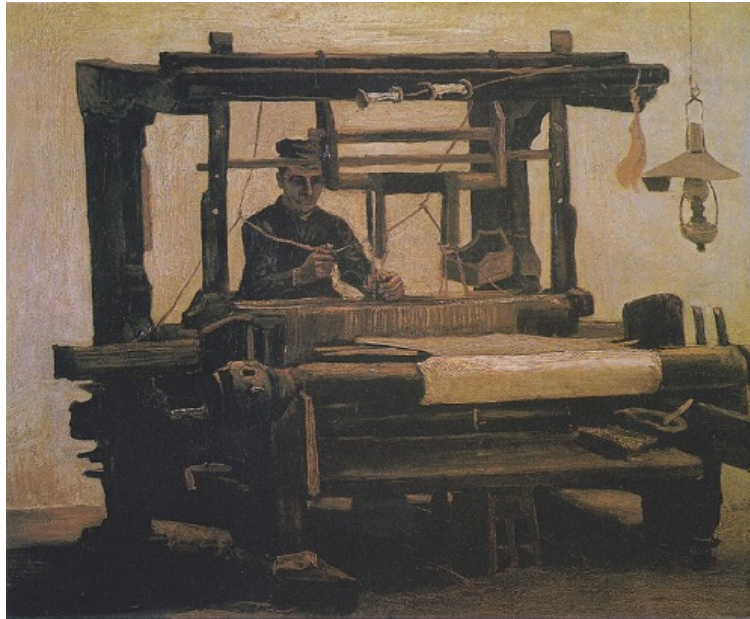


Gustave Caillebotte - The Floor Scrapers – 1875 – óleo sobre tela – Musée d'Orsay, Paris

“Esta pintura é uma das primeiras representações do proletariado urbano. Nessa época, enquanto os camponeses ou trabalhadores do campo já tinham sido frequentemente mostrados, os trabalhadores da cidade raramente tinham sido pintados. Ao contrário de Courbet ou Millet, Caillebotte não incorpora qualquer mensagem social, moralizante ou política em seu trabalho. Seu estudo documental completo (gestos, ferramentas, acessórios) justifica a sua posição entre os realistas mais talentosos.”



Vincent Van Gogh - Weaver Facing Left with Spinning Wheel, 1884 – óleo sobre tela – 61 x 85 cm – Museum of Fine Arts, Boston, USA



Vincent Van Gogh - Weaver at the Loom (Tecelão no tear), 1884 – óleo sobre tela – 70 x 85 cm – Kröller-Müller Museum, Otterlo, Holanda



"Plantadores de Batatas" – Vincent van Gogh
Pintor pós-impressionista francês (1853-1890)

“Van Gogh fez uma série de 13 obras sobre tecelões, quando morou em Nuenen por seis meses em 1884. Para Van Gogh, os tecelões, assim como os camponeses, eram considerados homens que viviam uma vida nobre, simbólica dos ciclos da vida em curso. Van Gogh estava interessado na aparência meditativa dos tecelões. Ele escreveu em 1883: ‘Um tecelão que tem de dirigir e entrelaçar um grande número de pequenos fios não tem tempo para filosofar sobre isso, mas sim está tão absorto em sua obra que não pensa, mas age, e sente como as coisas devem ser, mais do que ele pode explicar’.”



Pieter Bruegel the Elder - The Harvesters, 1565 – óleo sobre madeira – 119 x 162 cm –
The Metropolitan Museum of Art, New York , USA



Edvard Munch - Workers On Their Way Home, 1913 – 1915 – óleo sobre tela – 227 x 201
cm - Munch Museum, Oslo, Noruega



Jean-François Millet – The Gleaners, 1857 – óleo sobre tela – 83,5 x 110 cm – Musée d'Orsay, Paris

“A vida campestre era um dos temas preferidos de Millet, e esta pintura é o culminar de dez anos de pesquisa sobre o tema dos colhedores. Essas mulheres encarnam a classe trabalhadora rural. Elas foram autorizadas a atravessar rapidamente os campos ao pôr do sol para pegar as espigas perdidas pelos colhedores. A pintura mostra três delas em primeiro plano, curvadas. Assim, justapõe as três fases do movimento repetitivo imposto por esta tarefa ingrata: inclinar-se, pegar as espigas e endireitar-se novamente. Sua austeridade contrasta com a colheita abundante na distância: palheiros, feixes de trigo, um carrinho e uma multidão ocupada de colhedores. A agitação festiva, brilhantemente iluminada, ficou mais distanciada pela mudança abrupta de escala.”



Edward Hopper - Tables for Ladies, 1930 – óleo sobre tela – 123 x 153 cm – The Metropolitan Museum of Art, New York, USA

“Uma garçonete se inclina para frente para ajustar os alimentos na vitrina, enquanto um casal senta-se calmamente no interior bem iluminado. Uma moça na caixa registradora presta atenção em seu trabalho. Embora pareçam cansadas e isoladas, essas duas mulheres ocupam postos recém-disponíveis para as mulheres moradoras da cidade trabalharem fora de casa. O título da pintura alude a uma inovação social recente em que os estabelecimentos anunciavam ‘mesas para senhoras’ para dar boas-vindas a suas clientes, que, se vistas jantando sozinhas em público, antes eram mal vistas.”

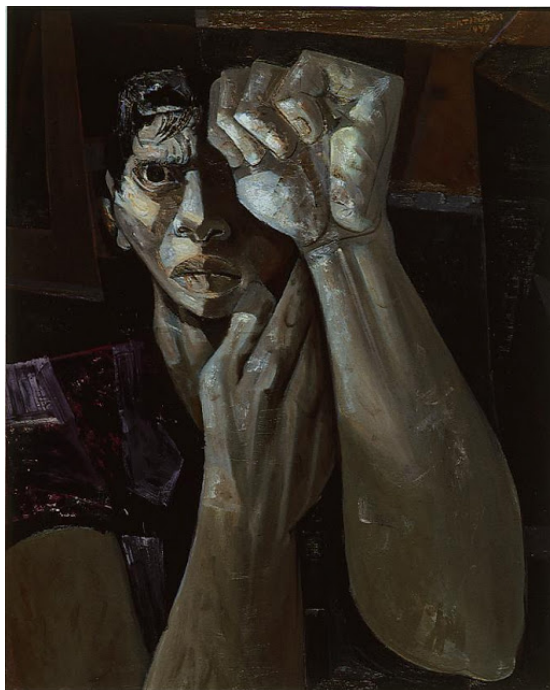


Cândido Portinari - Colhedores De Café, 1935 – óleo sobre tela – 130 x 195 cm – Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro, Brasil

“Essa pintura mostra a força do trabalho braçal de escravos e camponeses nas fazendas de café. Mostra a colheita do café por homens e mulheres. Os pés e as mãos grandes são típicas dos personagens da arte de Portinari, sugerindo uma conexão com a terra e com o trabalho braçal. Na pintura, alguns personagens fazem a colheita do café, outros ensacam e carregam os sacos com os grãos. Segundo João Cândido Portinari, filho do artista e diretor geral do Instituto Cândido Portinari, ‘O café sempre foi recorrente na pintura e nas suas obras literárias. É uma lembrança da origem da família, imigrantes italianos que aqui chegaram no fim do século XIX para justamente trabalhar na colheita do café no interior de São Paulo’. Seu pai escreveu sobre o chamado ‘ouro verde’ (o café): ‘Saí das águas do mar e num pé de café nasci’.”

Material de consulta: Arte e Blog – Arte histórica e contemporânea:

<https://www.arteeblog.com/2017/04/pinturas-sobre-trabalho-ou-trabalhadores.html>



"Operário" – Cândido Portinari
Pintor brasileiro (1903-1962)



"Operário" – Cândido Portinari
Pintor brasileiro (1903-1962)



"Operários" – Tarsila do Amaral
Pintora brasileira (1886-1973)



"Quebradores de Pedras" – Gustave Courbet
Pintor francês (1819-1877)



"Quebrador de Pedras" – Gustave Courbet
Pintor francês (1819-1877)

"[...] 'Os quebradores de pedra', pintado na França, décadas antes dos eventos que levaram à criação do 1º de Maio, diz muito sobre por que e como os trabalhadores se rebelaram em 1886. O quadro (lamentavelmente destruído num bombardeio na II Guerra) foi feito em 1849, ou seja, um ano depois da chamada 'Primavera dos Povos', o movimento que, através de um processo generalizado de greves na Europa, marcou a entrada em cena da classe operária na luta contra a burguesia que, 50 anos antes, havia tomado o poder, na Revolução Francesa, prometendo 'Liberdade, Igualdade e Fraternidade'. Vale lembrar que 1848 também é o ano de publicação do 'Manifesto Comunista', de Marx e Engels.

O pintor, Gustave Courbet (1819-1877), figura de ponta de um movimento artístico conhecido como 'Realismo Social' e militante socialista nos leva a outro marco que pavimentou o caminho para 1886: a 'Comuna de Paris', quando os trabalhadores, pela primeira vez na História, tomaram o poder em suas mãos (mesmo que por apenas 71 dias, entre março e maio de 1871).

A obra é cheia de simbolismos. Um jovem e um velho, ambos 'sem rostos', representam tanto o consumo de toda uma vida, dedicada ao trabalho árduo (em jornadas que chegavam até 17 horas ou mais), até que mal se consiga manter em pé, quanto a brutalidade de um sistema que arranca até a identidade daqueles que são vistos apenas como 'mais um' trabalhador. O movimento dos corpos e ferramentas simboliza a passagem do tempo (como nos ponteiros de um relógio), tanto do trabalho quanto da vida."

Material de consulta: A arte a serviço da luta dos trabalhadores:

<https://www.pstu.org.br/a-arte-a-servico-da-luta-dos-trabalhadores/>



"Peneirando o Trigo" – Gustave Courbet
Pintor francês (1819-1877)

Material de consulta: blog De arte em arte:

<https://deniseludwig.blogspot.com/2013/04/arte-em-pinturas-de-genero-no-dia-do.html>



“A árvore (ou “o tronco”) de Maio dos trabalhadores” e “Solidariedade da classe trabalhadora”

“Estas duas imagens, publicadas originalmente na Inglaterra, em meados dos anos 1890, literalmente rodaram o mundo durante as celebrações do 1º de Maio, no final dos anos 1800 e as primeiras décadas dos anos 1900, até mesmo por poderem ser facilmente reproduzidas (pela técnica da xilogravura).

Ambas estão carregadas de simbolismo que, inclusive, dialogavam com as tradições dos povos europeus e imigrantes nos Estados Unidos. A primeira se remete à Antiguidade e às tradições pagãs que resistiram à imposição do Cristianismo, sendo celebrada, até hoje, coincidentemente, no dia 1º de Maio: a festividade do Maypole (árvore ou tronco de Maio). [...]

No cartaz, a ‘árvore’ segura uma faixa onde se lê ‘socialização, solidariedade, humanidade’, cercada de bandeiras onde estão frases que remetem à classe operária, como ‘A classe trabalhadora é a esperança para o mundo’. Já nas fitas, estão impressas reivindicações: ‘responsabilidade civil dos empregadores’ (obrigações relacionadas à

segurança, saúde etc. do trabalhador), 'oito horas', 'condições dignas de vida', 'lazer para todos' e 'nenhuma criança faminta', dentre outras.

Já em 'Solidariedade da classe trabalhadora', uma figura que segura faixas com os lemas da Revolução Francesa ('igualdade, liberdade, fraternidade') é cercada por trabalhadores dos cinco continentes.

As gravuras foram criadas por Walter Crane (1845-1915), um ilustrador (famoso por seus trabalhos em livros infantis) e pintor, pertencente a um movimento conhecido como 'Arts e Crafts' (artes e ofícios), que combatia a elitização da arte, defendendo a não distinção entre os chamados 'artistas' e 'artesãos', uma ideia bastante coerente com seus ideais socialistas que, mesmo mergulhados no idealismo, o manteve sempre próximo das lutas de sua época. Produziu para a maioria dos jornais socialistas do Reino Unido (inclusive alguns anarquistas), foi dirigente sindical dos artistas e se fazia presente nas manifestações. Inclusive, em 1887, um ano das execuções em Chicago, durante uma passagem pelos Estados Unidos, colocou sua carreira em risco ao se pronunciar publicamente contra o assassinato dos trabalhadores.



“Trabalhadores não têm nada a perder, a não ser suas correntes”

“Produzido na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no segundo ano da Revolução e, também, da celebração do 1º de Maio como um feriado (que era proibido pelo czarismo até fevereiro de 1917, apesar de constar, anualmente, desde o final dos anos 1800), o cartaz mostra um trabalhador russo cercado por representantes de várias

etnias e do mundo, numa representação de que o internacionalismo que, até então, guiava a III Internacional, iria fazer com que a bandeira vermelha cravada no solo russo iria tomar conta do mundo. A frase é de Karl Marx.

O artista é Aleksandrs Apsītis (1880-1943). Nascido na Letônia, mudou-se para São Petersburgo, o centro da agitação política na virada dos séculos 19 para o 20, onde estudou Artes Gráficas, especializando-se na produção de cartazes, ilustração de jornais e, também, de livros para grandes autores russos de sua época, como A. Chekhov e M. Gorky. Durante a Guerra Civil Russa, nos anos 1920, Apsītis desenhou cerca de 50 cartazes de agitação.”



“Viva o feriado dos trabalhadores de todo o mundo”

“Produzido na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o cartaz celebra a liberdade (comumente representada, na Arte, como uma figura feminina) conquistada pelos trabalhadores em luta. Foi feito por Sergei Ivanov (1885-1942), artista gráfico e, também, produtor de cenários e objetos para o teatro.

Sua produção concentra-se nos anos 1920, e ele é comumente citado como relacionado aos bolcheviques, inclusive tendo produzido vários cartazes e pôsteres para a propaganda e campanhas (de incentivo à alfabetização, ao acesso à cultura e propagação da arte), durante os primeiros anos da revolução.”

Material de consulta:

<https://www.pstu.org.br/a-arte-a-servico-da-luta-dos-trabalhadores/>



Monumento no topo da réplica do pavilhão soviético de 1937 | Autor: Daniel M. Huertas (16 julho de 2018)

Escultura “operário e camponesa”: sensação da Exposição Universal de 1937

Concebido pela escultora Vera Mukhina para celebrar a solidariedade entre o proletariado e o campesinato, o monumento “operário e camponesa”, ou “operário e mulher kolkoziana”, foi desmontado em 65 peças e levado em 28 vagões de trem para adornar o pavilhão da URSS na Exposição Universal de Paris, de 1937. Com 24 metros de altura e forjado em 80 toneladas de aço inoxidável, levou 11 dias para ser novamente montado no topo do pavilhão – e, por ironia do destino, ficou frente a frente com o pavilhão da Alemanha nazista, com uma águia segurando uma suástica, durante o evento realizado no bulevar em frente à Torre Eiffel. Considerada uma obra paradigmática do realismo socialista soviético, quase ficou em Paris, tal o desejo manifestado pela população local diante de sua beleza e imponência. O simbolismo de dois trabalhadores com seus instrumentos de trabalho (a foice e o martelo) em atitude de força, otimismo no futuro e orgulho, emoldurados pela ideia de movimento com a luz refletida nas placas de aço, causaram grande impacto. Mas os dirigentes soviéticos resolveram levá-la de volta a Moscou, com o objetivo de celebrar o 20º aniversário da Revolução Bolchevique. Novamente desmontada em pedaços e danificada ao longo do trajeto, necessitou de alguns reparos antes de ser definitivamente instalada em um pedestal de 10 metros na movimentada Prospekt Mira.

Em meados dos anos 1970, já havia sido constatada a necessidade de uma grande restauração, adiada por causa da falta de recursos. Apenas em 2003 a obra foi totalmente desmontada em 17 partes para ser submetida a uma restauração digna de sua magnitude. O governo resolveu restituir o projeto original do pavilhão russo de 1937 (de autoria do arquiteto Boris Iofan), com 34 metros de altura, para albergar o monumento em seu topo, a partir de 2009. Nada mais justo para um dos símbolos de orgulho da URSS (foi estampado em selos, cunhado como moeda comemorativa e virou o emblema do Mosfilm, antiga empresa cinematográfica estatal da URSS), e que tanto extasiou grande parte daqueles que estiveram na exposição de 1937.

Material de consulta:

Moscou, 30 anos depois da URSS:

<https://outraspalavras.net/cidadesemtranse/moscou-30-anos-depois-da-urss/>

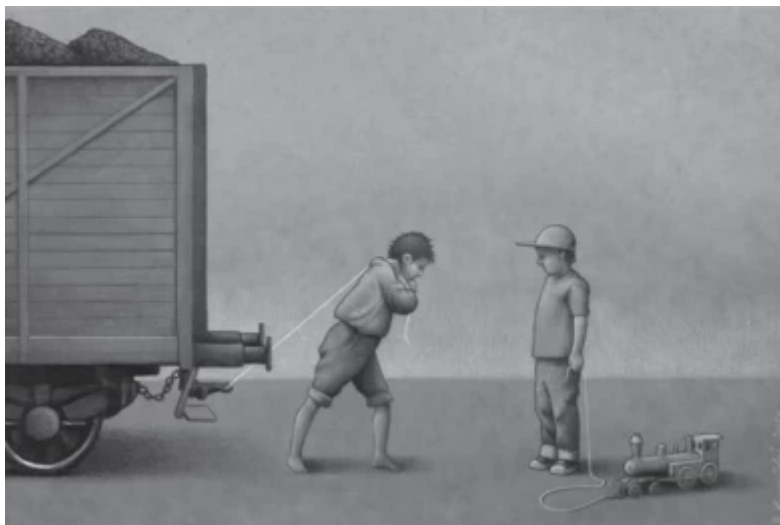
Operários da arte homenageiam trabalhadores no seu dia mundial:

<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=317585>

Sete obras que refletem sobre o trabalho e os trabalhadores:

<https://www.artequaeacontece.com.br/7-obras-que-refletem-sobre-o-trabalho-e-os-trabalhadores/>

QUESTÃO 01. ENEM 2013



O artista gráfico polonês Pawla Kuczynski nasceu em 1976 e recebeu diversos prêmios por suas ilustrações. Nessa obra, ao abordar o trabalho infantil, Kuczynski usa sua arte para

- (a) difundir a origem de marcantes diferenças sociais.
- (b) estabelecer uma postura proativa da sociedade.
- (c) provocar a reflexão sobre essa realidade.
- (d) propor alternativas para solucionar esse problema.
- (e) retratar como a questão é enfrentada em vários países do mundo.

QUESTÃO 02. UFPA 2016/1

A imagem abaixo se refere à cena de “Tempos Modernos”, de Charlie Chaplin, na qual aparece a figura de um operário em cima de uma engrenagem.



(ECO, Humberto (org.). *História da Beleza*.
5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. p.399).

A cena do filme de Chaplin (1936) é muito emblemática por estar associada às novas condições de vida advindas da

- (a) Revolução Francesa, que impunha aos camponeses uma carga de trabalho muito pesada, obrigando-os a limpar as engrenagens que moviam os relógios públicos.
- (b) Revolução Americana, que transformou os colonos ingleses em operários das grandes indústrias metalúrgicas instaladas no oeste dos Estados Unidos.
- (c) Revolução Inglesa, que determinou aos operários na Grã-Bretanha o uso de uniformes no espaço da fábrica, de modo a evitar acidentes de trabalho.
- (d) Revolução Russa, que impôs aos trabalhadores das fábricas automotivas uma carga de trabalho superior a 12 horas por dia, sobretudo durante o verão europeu.
- (e) Revolução Industrial, que na organização industrial impunha aos trabalhadores longas horas de trabalho, dedicadas à mesma tarefa na linha de produção.